

AUTOETNOGRAFIA E LEITURA SUBJETIVA EM UM CONTO DE CLARICE LISPECTOR

AUTOETHNOGRAPHY AND SUBJECTIVE READING IN A TALE BY CLARICE LISPECTOR

Luane Tamires dos Santos Martins
(Universidade Estadual da Bahia)

Jailma dos Santos Pedreira Moreira
(Universidade Estadual da Bahia)

| INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES |
|--|
| <p>Luane Tamires dos Santos Martins é doutoranda em Crítica Cultural (Pós-Crítica/UNEB), mestra em Crítica Cultural pela mesma instituição. Licenciada em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas (UNEB). Escritora. Professora da rede estadual da Bahia, no município de Aramari. E-mail: luanetamiresmartins@gmail.com.</p> <p>Jailma dos Santos Pedreira Moreira possui graduação em Letras Vernáculas pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB (1996); uma Especialização em Texto e gramática pela Universidade Estadual de Feira de Santana-UEFS em convênio com a UNICAMP (1999); outra em Estudos Literários pela UNEB (2000). Mestrado em Letras e Linguística pela Universidade Federal da Bahia-UFBA (2003) e doutorado, também na área de Letras, nesta última universidade (2008). Concluiu pós-doutorado em Letras - Metacrítica feminista/políticas públicas para a literatura feminina - na UFMG (2015). É professora efetiva da UNEB. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Crítica cultural, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura, subjetividade, micropolítica, gênero e crítica cultural feminista. E-mail: jpedreira@uneb.br.</p> |

| RESUMO | ABSTRACT |
|---|---|
| <p>O presente trabalho visa fazer uma leitura subjetiva para a construção de uma interpretação do conto “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector (1998). Para tanto, trabalhamos a metodologia da autoetnografia, em paralelo com a Estética da Recepção, partindo das abordagens teóricas de Annie Rouxel (2012, 2018), no que diz respeito ao conceito de leitura subjetiva; Magalhães (2018), sobre o aporte metodológico da autoetnografia; Stuart Hall (2003), para discutir a identificação; e Abreu (2011) e Sutter (2002), no que se refere à presença da memória. Assim, traçaremos um paralelo considerando as memórias de uma das leitoras-articulistas em relação ao texto literário analisado. Dessa forma, espera-se que os leitores possam também imergir no texto literário clariciano distanciando-se das armas da teoria literária, sem deixar a reflexão crítica de lado, através da memória e do ato autoetnográfico de ler.</p> | <p>The present work aims to make a subjective reading to construct an interpretation of the short story “Feliz Aniversário”, by Clarice Lispector (1998). To this end, we work with the methodology of autoethnography, in parallel with Reception Aesthetics, based on the theoretical approaches of Annie Rouxel (2012, 2018), with regard to the concept of subjective reading; Magalhães (2018), on the methodological contribution of autoethnography; Stuart Hall (2003), to discuss identification; and Abreu (2011) and Sutter (2002), regarding the presence of memory. Thus, we will draw a parallel considering the memories of one of the reader-writers in relation to the analyzed literary text. In this way, it is expected that readers can also immerse themselves in the Clariciano literary text, distancing themselves from the weapons of literary theory, without leaving critical reflection aside, through memory and the autoethnographic act of reading.</p> |

| PALAVRAS-CHAVE | KEY-WORDS |
|---|--|
| Feliz aniversário. Autoetnografia. Leitura Subjetiva. | Happy birthday. Autoethnography. Subjective Reading. |

INTRODUÇÃO

A Estética da Recepção abriu espaço para as teorias sobre o lugar do leitor frente ao texto literário. Dessa forma, o papel do leitor vem sendo ressignificado, no tocante à análise dos textos literários. O objetivo do trabalho em questão é fomentar uma relação entre leitura subjetiva e autoetnografia. Portanto, reconhece-se o lugar do autor e das malhas textuais, mas se acredita que o texto não está completo em si sem a presença do leitor.

Diante disso, a leitura subjetiva nos permite partir do singular e da subjetividade do leitor frente à obra. Assim, a análise a seguir parte de uma interpretação subjetiva, autoetnográfica, ligada à construção da memória do sujeito leitor.

No tocante à autoetnografia, usaremos esses recursos metodológicos como abordagem discursiva em diversos momentos, ao manter o uso da primeira pessoa do plural, uma vez que o texto foi construído em dupla (orientanda e orientadora), considerando o processo de reflexividade das ações descritas, frente ao contexto social em questão.

Porém, para a reflexão acerca do texto literário, serão utilizadas apenas as memórias de uma das leitoras-articulistas, a saber: Luane Martins (L.M.). É importante ressaltar que, para preservar as identidades dos demais sujeitos, usaremos apenas as iniciais. Optamos por esse viés, a fim de deixar nossa reflexão mais direcionada e condensada. Nessa perspectiva, a relação entre autoetnografia e leitura subjetiva nos permitirá uma abordagem bastante singular da naturalização dos corpos femininos, frente a uma cultura submissa e subserviente ao patriarcado vigente.

O texto em questão está dividido em dois subtópicos, sendo o primeiro uma breve discussão sobre os conceitos de leitura subjetiva e da abordagem metodológica da autoetnografia. No segundo subtópico, adentraremos nas malhas do texto literário, especificamente o conto “Feliz Aniversário” (1998), de Clarice Lispector, num processo de autoidentificação, memória e reflexividade. Com isso, esperamos que a linha de raciocínio aqui empregada permita ao leitor, inicial ou não de Clarice Lispector, uma imersão estética com os textos da autora em questão.

AUTOETNOGRAFIA E LEITURA SUBJETIVA

A autoetnografia é uma abordagem metodológica oriunda da etnografia. Esta, outrora muito utilizada pelos antropólogos, visava estudar a cultura, os sujeitos e a sociedade, por meio de um processo de investigação e inserção na cultura desses indivíduos. Já aquela é caracterizada pela inserção discursiva – subjetiva do pesquisador, no processo da realização da pesquisa.

Esse termo foi empregado inicialmente por Karl Heider (1975), para descrever estudos nos quais os membros de uma determinada cultura relatavam sobre si mesmos.

Nesse sentido, a autoetnografia é a realização da pesquisa que permite ao pesquisador tanto se inserir no texto em que está escrevendo, enquanto, também, sujeito de pesquisa, quanto se utilizar de mecanismos como a memória, por exemplo, para validar sua abordagem e sua inserção.

Para Magalhães (2018, p. 17),

Enquanto a pesquisa positivista busca a impessoalidade e a objetividade em relação ao fenômeno investigado, a pesquisa qualitativa autoetnográfica sublinha a importância da experiência pessoal do pesquisador como forma de construção do conhecimento nos estudos socioculturais. A autoetnografia permite o movimento do pesquisador e possibilita transpor para o seu estudo suas experiências emocionais, revelando detalhes da pesquisa.

Sendo assim, compreendemos que a autoetnografia pode ser desde a inserção direta do pesquisador, num movimento/grupo pesquisado, levando em conta sua reflexividade no processo, quanto o próprio relato de pesquisadores sobre “experiências vividas por eles mesmos e que, normalmente, não seriam reveladas” (MAGALHÃES, 2018, p. 18).

Corroborando com as ideias da autora acima, Santos (2017) afirma que a autoetnografia é a base para reforçar o vigor e a reflexividade dos processos individuais, para entendimento de processos macrossociais, como, por exemplo, a desigualdade e o racismo. Nesse caso, podemos afirmar que a pesquisa autoetnográfica favorece uma reflexividade crítica cultural, uma vez que elucida, sob o olhar individual do autor, os processos de subjetivação e dominação socioculturais.

Assim, uma vez que permite ao sujeito pesquisador trazer a sua voz ao texto, a escrita autoetnográfica, geralmente, é marcada pela primeira pessoa, podendo ser escrita de diversas maneiras, como em poesia, textos ficcionais, entre outros (MAGALHÃES, 2018). Nesse caso, ao se desprender da obrigatoriedade do uso impessoal da linguagem, o pesquisador que se vale da abordagem metodológica etnográfica, consegue inserir-se no texto, provocando no leitor reflexões que a escrita impessoal, muitas vezes, termina por podar.

É nessa perspectiva que a autoetnografia e a leitura subjetiva se entrecruzam neste trabalho, uma vez que, através de um processo reflexivo da leitura do conto clariciano, mergulharemos nas intermitências da memória, para resgatar subjetividades outrora vividas e que serão relacionadas com o texto literário em si.

Entretanto, ainda nos falta compreender um pouco mais sobre o próprio conceito de leitura subjetiva. Em primeira análise, no artigo intitulado “Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor?”, publicado em 2012, Annie Rouxel apresenta-nos uma discussão sobre a dimensão da leitura em ambiente escolar e o papel do leitor. A autora ressalta a diferença entre leitura analítica e leitura cursiva, trazendo

reflexões em torno do ato de ler e de como, por muitas vezes, o leitor foi deixado de lado nesse processo da leitura.

Com isso, Rouxel (2012) inicia seu texto fazendo-nos lembrar como a história do ensino de literatura vem há muito excluindo tanto o ato de ler textos literários, como o próprio leitor. Ao aluno é destinado apenas o lugar da reprodução do texto e da análise de suas estruturas, enquanto seu “olhar” e sua subjetividade são deixados de lado, uma vez que “[...] na verdade, o estudo do texto, longe de ser um espaço de relações individuais e coletivas, era muito mais formação concebida como submissão ao texto” (ROUXEL, 2012, p. 274). Desse modo, pode-se compreender que a leitura literária em espaço escolar, ao longo dos anos, termina, por vezes, focando mais na análise do texto do que nos seus sentidos. É nessa perspectiva que a autora apresenta os conceitos de leitura cursiva e leitura analítica.

Segundo Rouxel (2012), a leitura analítica é aquela que se interessa pelos detalhes do texto e tem como objetivo principal formar um leitor capaz de responder às injunções do texto, um leitor que se preocupe muito mais com o que o texto tem a dizer do que com o que ele próprio tem a dizer, com base no texto. Leitor esse que é habitual nos espaços escolares, segundo a perspectiva da autora em questão.

Em segunda análise, a leitura cursiva seria uma forma de leitura mais livre do texto literário, com a função de estimular a apreensão do sentido do texto, a partir do todo. É uma leitura particular, onde o sujeito se identifica com o texto, codifica e decodifica seus sentidos e entrelinhas. E, assim, a experiência da leitura transcende o próprio texto, uma vez que ler passa a ser “ler-se a si mesmo” (ROXUEL, 2012, p. 277).

Para Rouxel (2012), é preciso criar estratégias para o espaço escolar em que as singularidades dos leitores em formação sejam respeitadas. Assim, se quisermos formar leitores de textos literários no Ensino Médio, precisamos ressignificar o papel da identificação e investir na subjetividade desse papel, compreendendo que é o leitor quem completa o texto e lhe imprime sua forma singular.

Doravante, já no artigo intitulado “Ousar ler a partir de si: desafios epistemológicos, éticos e didáticos da leitura subjetiva”, publicado em 2018, Annie Rouxel apresenta-nos o conceito de leitura subjetiva, refletindo sobre como a leitura pode influenciar na construção da subjetividade do sujeito leitor, em seus valores, em seu modo de ser e de se perceber, diante da sociedade em que vive.

Nesse sentido, a autora afirma que, quando o leitor aceita participar do jogo literário, a literatura tem o poder de fazer com que ele se construa e se desconstrua nas malhas de sentidos emergentes. De tal modo, a leitura literária subjetiva seria uma ruptura com a tradição da leitura analítica, no tocante ao fato de que esta afastava a subjetividade do leitor, prendendo-se, exclusivamente, ao texto, confirmando, assim, a

mudança de paradigma do conceito de leitor modelo para o de leitor real.

Esse leitor real é aquele que se identifica com o texto, tornando-se coautor do mesmo. É aquele que compreende que o sujeito é uma construção mutável e que o texto pode elucidar diferentes interpretações, dando espaço para uma leitura literária como um lugar de incessante remodelagem. É uma prática de leitura que liga a subjetividade do leitor com a construção social do indivíduo leitor em si. Diante disso, o leitor engaja todo o seu ser na leitura do texto literário, tornando-se não apenas uma leitura do texto, mas um processo contínuo de ler a si mesmo.

Ao compreendermos esse processo de “ler a si mesmo” como um movimento de identificação, faz-se interessante discutirmos também a abordagem de Stuart Hall (2003), que, por sua vez, nos apresenta o conceito de codificação e decodificação, levando-nos à compreensão desse movimento de identificação frente ao texto literário. Apesar da abordagem do texto girar em torno da indústria cultural midiática e da produção cultural de massa, as discussões trazidas por Hall (2003) sobre os dois conceitos em questão são pertinentes para a construção desse trabalho.

O autor entende que a comunicação é um constructo simbólico-discursivo, onde o processo de codificação e decodificação reflete-se em momentos determinados do ato comunicativo. Assim, afirma que o texto não é neutro e que possui uma malha de sentidos imbricados em si mesmo.

No processo de construção do texto literário, conforme podemos entender com Hall (2003), existem as relações de produção institucionais e sociais que passam pelas regras discursivas da produção. Nesse ínterim, no que se refere ao texto literário, o processo de codificação seria a produção do texto, mas essa produção é imbricada de ideologias e sugestões explícitas ou implícitas, podendo estar claramente reveladas nos textos ou em suas entrelinhas. Já o processo de decodificação seria a recepção desse texto, também considerando esse processo de implicações ideológicas dos circuitos interpretativos. Tanto o processo de codificação quanto o de decodificação não são neutros, mas são códigos discursivos de análise da linguagem recheados de ideologias subjacentes, pois, conforme afirmou Hall (2003, p. 396), “esses códigos são os meios pelos quais o poder e a ideologia são levados a significar em discursos específicos”.

Dessa forma, a decodificação permite ao leitor um processo de identificação com o texto, pois lhe permite perceber-se frente ao universo literário. Assim, o texto passa a fazer sentido para o leitor, pois este se reconhece nas malhas textuais. A literatura ganha vida, ao passo que o leitor consegue se identificar em seus mais variados medos, anseios, desejos, performances etc.

Destarte, é com base nessas discussões que pretendemos fazer uma leitura subjetiva do texto de Clarice Lispector (1998), numa perspectiva autoetnográfica. Nesse sentido, a

pesquisa em questão foi desenvolvida, inicialmente, pela pesquisadora Luane Martins, enquanto aluna especial do componente curricular “Estudos do Leitor”, ministrado pelo Professor Doutor Carlos Magno, no curso de Doutorado, da Universidade Federal de Sergipe, no ano de 2021. Entretanto, após o ingresso como discente regular no Programa de Doutorado Pós-Crítica (UNEB), Luane Martins retomou a pesquisa junto à orientadora Jailma dos Santos Pedreira Moreira. Diante disso, uma releitura do trabalho inicial foi realizada, bem como do conto “Feliz aniversário” e de artigos dentro da área da autoetnografia, buscando realizar ajustes para a proposta deste artigo.

“FELIZ ANIVERSÁRIO” – AVÓ I.M.

Clarice Lispector nasceu na Ucrânia em 1920, porém seus pais fugiram para o Brasil com ela recém-nascida, com medo da perseguição russa aos judeus daquela época. Lispector chega em solo brasileiro, quando ainda nem havia completado dois meses de nascida. A família instala-se em Alagoas, com a irmã da mãe da autora. Tempos depois, a família mudou-se para Recife, onde ela passou a maior parte de sua infância. Aprendeu a ler e a escrever ainda muito nova e, em tenra idade, já escrevia pequenos contos.

O conto da autora escolhido para análise é “Feliz aniversário” (1998). Este, por sua vez, foi publicado pela primeira vez na coletânea “Laços de Família” em 1960. Nesse conto, temos o aniversário de 89 anos de Dona Anita, uma figura matriarcal de uma família com vários filhos homens e apenas uma mulher, sobre quem recaiu a responsabilidade de cuidar sozinha da mãe idosa, visto que não era casada.

Em paralelo a esse cenário literário, a articulista L.M. recordou-se das festas de aniversário da avó paterna. Assim, para sua tia mais velha, mãe-solteira de dois filhos, foi dada a responsabilidade de cuidar de vovó I.M. Todos os anos, as festas de aniversário da avó eram em sua casa e, geralmente, terminavam com alguma confusão. Sua avó era alta, branca, sisuda e de poucas palavras. L.M. afirma que não conheceu seu avô paterno, mas todos diziam que era um homem negro fisicamente robusto. Sua avó nunca mencionou o nome dele (o qual não constava no registro da maioria dos filhos, incluindo seu progenitor) e nem ao menos falavam sobre ele.

Diante disso, a descrição de Dona Anita, no texto, fez-nos lembrar a figura emblemática dessa avó: “os músculos do rosto da aniversariante não a interpretavam mais, de modo que ninguém podia saber se ela estava alegre. Estava era posta à cabeceira. Tratava-se de uma velha grande, magra, imponente e morena. Parecia oca” (LISPECTOR, 1998, p. 56). A articulista L.M. não conseguia se lembrar de nenhum sorriso de sua avó. Segundo ela, a avó era sempre aquela pessoa que todos deveriam respeitar acima de tudo. Acima de compreender seus atos, era uma pessoa distante, mesmo que estivesse presente.

“Parecia sempre estar nos observando, tentando nos analisar com os olhos”, semelhante à Dona Anita do conto clariciano.

Essa linha de interpretação focada na imersão frente ao texto literário remete ao conceito de leitura subjetiva de Annie Rouxel (2018), em que a leitura seria uma forma de leitura mais livre do texto literário, com a função de estimular a apreensão do sentido do texto, a partir do todo. Nesse processo de leitura subjetiva, podemos relacionar o texto literário com a nossa construção de vida. Ainda que a família representada aqui seja apenas de uma de nós, as leituras servem para que coloquemos em questão a configuração social da própria estrutura familiar.

Nesse sentido, a leitura subjetiva, numa perspectiva autoetnográfica, abre espaço para um processo de leitura literária como experiência estética. Esta nos permite traçar um paralelo entre a família de Dona Anita e a família paterna de L.M. Antes, é interessante conhecermos um pouco sobre a família de Dona Anita.

A família de Dona Anita não parece ser unida, percebemos isso logo no início da narrativa, com a chegada de uma de suas noras à festa:

A família foi pouco a pouco chegando. Os que vieram de Olaria estavam muito bem-vestidos porque a visita significava ao mesmo tempo um passeio a Copacabana. A nora de Olaria apareceu de azul-marinho [...] O marido não veio por razões óbvias: não queria ver os irmãos (LISPECTOR, 1998, p. 54).

Esse retrato de uma família sem muita afinidade e que só se encontra em datas comemorativas ou luto vai sendo revelado ao longo da trama. Zilda, a filha a quem foi destinada a “obrigação” de ter que cuidar da mãe idosa, parece-nos uma pessoa agitada e cansada da tarefa que lhe foi imposta. Porém, permanece desempenhando-a da melhor forma possível, chegando até a improvisar uma velinha de aniversário para o bolo, ao perceber que faltou esse pequeno detalhe:

[...] Mas ninguém elogiou a idéia de Zilda, e ela se perguntou angustiada se eles estariam pensando que fora por economia de velas – ninguém se lembrando de que ninguém havia contribuído com uma caixa de fósforos sequer para a comida da festa que ela, Zilda, servia como uma escrava, os pés exaustos e o coração revoltado (LISPECTOR, 1998, p. 58).

A filha cansada e sobrecarregada estava se esforçando para fazer o melhor aniversário, mas não recebia ajuda de nenhuma das cunhadas e muito menos de seus irmãos. Essa cena, conforme relata L.M., fez-lhe lembrar da correria de sua tia para tentar agradar a todos, durante a festa de aniversário de avó I.M. Ela sempre abria um sorriso enorme, tentando ser a mais simpática possível, mas era visível o cansaço em seus olhos.

Segundo L.M., nenhum dos filhos levava nenhum tipo de contribuição para as

festas realizadas na casa de sua tia, mas também sua tia fazia questão de oferecer tudo. Nisso, ela não se assemelha com Zilda, pois percebemos que a irmã da narrativa estava sobrecarregada em sua função e, aparentemente, não deveria rejeitar a ajuda dos outros familiares. Ao assumir a função de cuidar de sua avó paterna, a tia também assumiu as contas salariais da idosa (uma aposentadoria que recebia do finado cônjuge e a própria aposentadoria). Então, é provável que essa forma de agir sem solicitar a ajuda dos irmãos e irmãs deu-se pelo receio de cobrarem o que ela estaria fazendo com o dinheiro de dona I.M.

Quanto à Dona Anita, enquanto se espera a chegada dos convidados, a aniversariante é posicionada à mesa, em um lugar de destaque: “[...] e desde as duas horas a aniversariante estava sentada à cabeceira da longa mesa vazia, tesa na sala silenciosa” (LISPECTOR, 1998, p. 55). No início da leitura, começamos a sentir um pouco de compaixão de Dona Anita, uma vez que, conforme as pistas que o texto apresenta, é correto afirmar que sua família não se dá muito bem: as noras se odeiam, as crianças não são íntimas umas das outras, os irmãos possuem um relacionamento estremecido etc.

A narrativa nos leva a entender que a família só se reúne quando é o aniversário da mãe ou quando alguém morre: “até o ano que vem! disse José subitamente com malícia, encontrando, assim, sem mais nem menos, a frase certa: uma indireta feliz! [...]” (LISPECTOR, 1998, p. 65). Bem semelhante ao que acontecia todos os anos na família da avó I.M., como nos confessa a articulista colaboradora.

Para Humberto Eco (2005, p. 28), “[...] as palavras trazidas pelo autor são um conjunto um tanto embaraçoso de evidências materiais que o leitor não pode deixar passar em silêncio, nem em barulho”. Nesse sentido, ao seguirmos as malhas do texto, percebemos o “grito” da frase “até ano que vem!”, pois evidencia que nenhum daqueles sujeitos visitariam a protagonista nem ao menos no dia das mães, era apenas uma visita anual, aparentando ser mais por obrigação do que por afeto.

Assim, a leitura inicial desse conto causa no leitor um sentimento de compaixão pela senhora tão idosa que não tem seus filhos por perto, que é abandonada pelos seus familiares, tendo que ficar com a filha “estressada”, alguém sem reação, como em várias partes do texto temos a descrição de que ela não se manifestava, permanecia quieta, calada, só observando o ambiente:

A velha não se manifestava. Então, como se todos tivessem tido a prova final de que não adiantava se esforçarem, com um levantar de ombros de quem estivesse junto de uma surda, continuaram a fazer a festa sozinhos, comendo os primeiros sanduíches de presunto mais como prova de animação que por apetite, brincando de que todos estavam morrendo de fome (LISPECTOR, 1998, p. 57).

Entretanto, ao lermos os pensamentos de Dona Anita sobre sua família,

começamos a nos indagar se essa velhinha seria, assim, tão digna de compaixão, como nos parece no início do conto. Dona Anita começou a refletir, com desgosto, sobre como pudera ser a matriarca daquela família que ela mesma fazia questão de tratar com indiferença. Pensava consigo:

Como pudera ela dar à luz aqueles filhos risonhos, fracos, sem austeridade? O rancor roncava no seu peito vazio. Uns comunistas, era o que eram: uns comunistas. [...] Pareciam ratos se acotovelando, a sua família. Incoercível, virou a cabeça e com força insuspeita cuspiu no chão (LISPECTOR, 1998, p. 60).

Dona Anita começa a nos mostrar que não gostava muito de seus familiares, sentindo até nojo em ser a matriarca daquela família. Desprezava as noras que seus filhos tinham escolhido por esposas, considerando-as como “mulherzinhas vaidosas”, que não sabiam nem ao menos governar as criadas. Aqui percebemos o conflito entre as gerações e um ar de soberba e arrogância que toma a narrativa, uma vez que a imagem da velhinha carente do início da trama desaparece e podemos observar, agora, uma senhora prepotente e arrogante, que renegava os seus filhos e as escolhas que fizeram para suas vidas.

[...] Ela, a forte, que casara em hora e tempo devidos com um bom homem a quem, obediente e independente, ela respeitara; a quem respeitara e que lhe fizera filhos e lhe pagara os partos e lhe honrara os resguardos. O tronco fora bom. Mas dera aqueles azedos e infelizes frutos, sem capacidade sequer para uma boa alegria (LISPECTOR, 1998, p. 60).

Assim, podemos perceber uma contradição interessante: como ela poderia ser obediente ao marido e independente ao mesmo tempo? Podemos perceber ainda a submissão patriarcal de Dona Anita ao “casar-se em hora e tempo devidos”, com esse bom homem que lhe pagou os partos e não lhe forçou durante o resguardo. Nesse ponto, percebemos a naturalização da posição da mulher de submissa ao esposo, ressaltando mais um confronto em relação às gerações diferentes, uma vez que, como podemos compreender, esse “independente” que a personagem ressalta é ter autoridade sobre as criadas, ser uma pessoa ativa sobre sua casa e seus filhos.

A avó I.M. também era submissa ao seu esposo, casou-se cedo, deu-lhe vinte e dois filhos e ainda cuidou dos que foram feitos fora do matrimônio. Acontecimento esse que as tias de L.M. contavam durante as festas e que, geralmente, acabavam em confusão. Diziam que ele era o maior mulherengo da vizinhança, chegando ao ponto de engravidar a própria cunhada (irmã de I.M.) e colocá-la para morar sob o mesmo teto que a esposa.

Porém, na casa de dona I.M. quem “mandava” era ela, todos os filhos e netos lhe obedeciam, até mesmo os filhos bastardos criados sob a sua supervisão. Segundo L.M. seu

avô morrera antes de seu nascimento, nunca conseguiu uma história coerentemente linear sobre ele, por meio de seu pai, tios ou tias. Cada um contava fragmentos do pouco que convivia com ele e tudo recaía sob o olhar de sua avó.

Enquanto mãe, ela era independente, imponente, altiva; enquanto esposa, era subserviente ao marido, assim como Dona Anita. Além disso, Dona Anita deixava evidente que tinha um filho predileto e o único que apoiava em seus sonhos, Jonga. Após o falecimento do filho, permanece ignorando o restante da família, exceto o neto Rodrigo de quem gostava.

[...] Todos aqueles seus filhos e netos e bisnetos que não passavam de carne de seu joelho, pensou de repente como se cuspisse. Rodrigo, o neto de 7 anos, era o único a ser a carne de seu coração, Rodrigo, com aquela carinha dura, viril e despenteada. [...] Aquele seria um homem (LISPECTOR, 1998, p. 60).

[...] Como Jonga fazia falta nessas horas! Também fora o único a quem a velha sempre aprovara e respeitara, e isso dera a Jonga tanta segurança. E quando ele morrera, a velha nunca mais falara nele, pondo um muro entre sua morte e os outros. Esquecera-o talvez. Mas não esquecera aquele mesmo olhar firme e direto com que desde sempre olhara os outros filhos, fazendo-os sempre desviar os olhos. Amor de mãe era duro de suportar (LISPECTOR, 1998, p. 65).

Essa personagem idosa que nos causa, concomitantemente, compaixão e estranhamento, devido à distinção que cria entre os filhos, a forma como trata cada um, sendo esta, possivelmente, uma das razões para que eles não convivessem bem, faz-nos lembrar das relações familiares contemporâneas, visto que muitas famílias deixam de se reunir em decorrência dos conflitos existentes, por não haver respeito entre as diferentes gerações.

Em paralelo a isso, L.M. pôde se lembrar da predileção de sua avó pelo seu tio R.S. O seu pai e os seus outros tios e tias (ao menos os que conhecia) diziam que ele era o mais parecido com seu avô. Assim, podemos refletir que essa predileção poderia ter vindo de um mergulho inconsciente na imagem do esposo ausente, agora retificada pela presença do filho, pela atenção dada por ele e seus descendentes. O seu tio R.S. sempre foi, ao que conseguiu puxar das malhas da memória, o mais carinhoso dos tios homens com sua avó, e seus filhos também eram os netos mais próximos, aparentemente. Ele costumava colocar a mãe no colo carinhosamente, brincando como se a estivesse ninando. Esse sentimento de cuidado e carinho recebido do filho pode ter sido para dona I.M. um acalento, em razão das ausências vividas por conta do esposo.

Assim, num processo de identificação singular com a narrativa, como nos sugere Hall (2003), evocando o viés metodológico da autoetnografia, L.M. trouxe à memória traços das reuniões familiares para o aniversário anual de sua avó paterna, mesmo que este sempre terminasse em confusão, uma vez que a maioria das cunhadas não suportava

a tia mais velha, como dito outrora, que era a responsável pelos cuidados com sua avó.

No sentido mais restrito do termo, a memória é um recurso que permite ao ser humano retornar ao passado. O homem tende a acionar a memória, no exercício de se lembrar de si e de outros, na construção de sua história. Consoante Abreu (2011), a memória é um mecanismo tão importante que, para os gregos, estaria representada por uma deusa chamada *Mnemósine*, mãe das musas, protetora das Artes e da História. Assim, essa deusa concedia aos poetas o poder de revisitar o passado e resgatá-lo para a coletividade.

Para a autora em questão, a memória possibilita ao homem lembrar-se e recordar-se e, da perda desta, decorre o esquecimento. A sociedade, então, visa sempre buscar um elo com o passado, assegurando o não-esquecimento. Ao passo que resgata a memória, o homem permanece em contato com suas origens, tradições e ancestralidade, uma vez que, lembrando-se de algo, este lembra também de si e isso lhe possibilita refletir sobre o passado e sobre si, em um processo de construção e desconstrução.

Em consonância com o exposto, a autora Miriam Sutter (2002) ressalta o fato de que a memória está relacionada com a mente, podendo-se designar:

[...] Simultaneamente um processo do pensamento e o lugar/celeiro em que se armazenam as lembranças/memórias; em outras palavras, o conjunto de reconhecimentos que caracteriza tanto um indivíduo (através de sua história pessoal) quanto um grupo social (uma nação, uma tribo, por sua cultura e tradição) (SUTTER, 2002, p. 72).

De fato, a memória constitui-se em um forte instrumento, tanto para o indivíduo quanto para a coletividade. Evocando esse processo da memória é que L.M. relembra as festas de aniversário de sua avó paterna, as confusões, geralmente, causadas ao finalzinho da festa, quando uma prima ou um primo dançava de um jeito que sua tia não gostava, ou quando alguma das cunhadas dela dizia algo referente ao cuidado da casa ou de sua avó. A avó, por sua vez, sempre tentava amenizar a situação, porém, devido ao fato de estar bem idosa e por morar com essa tia, acabava sempre lhe dando razão e encerrando qualquer algazarra, com a seguinte frase: “você me respeitem que eu criei você tudo sozinha, acabem com isso já!”.

Outro ponto a resgatar da memória é o fato da ausência patriarcal, assim como o esposo de Dona Anita, sobre o qual a narrativa não deixa claro o seu paradeiro, o avô de L.M. não era um personagem presente na sua vida e menos ainda foi na vida de sua avó, dona I.M. Sempre que ele se tornava assunto das festas, alguma discussão era gerada. Seja por um tio que não era filho biológico e resolvia reclamar de algo, muitas vezes interpelado pelos outros irmãos como não sendo digno de opinar em nada, uma vez que

era “fruto de traição”; seja por sua avó dizendo que todos deveriam se calar e deixar os mortos em paz. Tudo girava em torno de dona I.M. e o que ela dizia era lei absoluta. Mesmo que ninguém concordasse, havia silêncio perante a sua imponência. Conforme afirma Rouxel (2018, p. 18), a leitura subjetiva permite-nos ampliar “nosso ser suscitando reações, emotivas e cognitivas, trazendo-nos a nós mesmos”.

Ao compreendermos esse processo de “ler a si mesmo” como um movimento de identificação, identificamo-nos com a família de Dona Anita, uma vez que seus membros e vozes fazem com que nos lembremos de nossas famílias, principalmente, L.M., ao se recordar de suas vivências com sua família paterna. Não é raro percebermos, hoje, que muitas famílias exibem uma felicidade inventada, para postarem em redes sociais. Não se aproveita o tempo com o outro e nem ao menos se sabe lidar com as diferenças entre as gerações.

Assim, ao mesmo tempo em que Dona Anita faz-nos lembrar da figura saudosa de dona I.M. e da culpa que, em alguns momentos, seu filho e sua neta, aqui representada pelas iniciais L.M., sentiam por ir visitá-la apenas uma vez ao ano. Também traz à memória a velhinha ranzinza que fazia questão de demonstrar que os únicos netos de quem gostava eram os filhos de seu tio R.S. Uma matriarca que teve vinte e dois filhos, numa cidade pequena do interior, mais de trinta netos e netas, que nunca deixou de demonstrar um carinho diferente pelo filho de seu coração e pelos netos que dele saíram. Sentimento esse surgido provavelmente pela ausência do cônjuge, visto que seu filho amado era o mais parecido com o pai fisicamente, porém com características diferentes, como o fato de lhe tratar com carinho e atenção. De acordo com Rouxel (2012, p. 22):

Fruto de um encontro eficaz, pessoal, íntimo, entre um leitor e uma obra, a experiência estética é um momento privilegiado na formação do leitor. De acordo com a sua intensidade, ela marca duravelmente a história do leitor, a sua memória, os seus valores, a sua personalidade.

Assim, é como se o exercício da leitura, alinhado à experiência estética, nesse caminho da autoetnografia, permitisse-nos, no plano físico, uma resignação por não ter a “família alegre” e unida, por não dar uma atenção maior àquela que fora a matriarca. Afinal, essa foi a família que ela construiu, a que saiu de suas entranhas, “carne de seus joelhos”.

Essas reflexões também nos fazem perceber as dores dessa mulher, submissa durante muitos anos ao seu esposo, dando-lhe filhos e filhas, netos e netas; que muitas vezes negou os seus anseios e desejos, chegando a cuidar de filhos externos de seu esposo, em nome de um casamento, de uma aliança feita. Se algo deu errado nessa família, a culpa não fora só da avó I.M., mas do reduto patriarcal a que ela foi submetida. Enfim, eis a liberdade que emana do texto literário e nos permite dar adeus aos laços da

memória.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura subjetiva é capaz de conectar o sujeito leitor com a crítica, a partir do momento em que ele se percebe nas entrelinhas do texto e se conecta com o mesmo. Nessa perspectiva, este artigo teve como objetivo principal executar uma leitura subjetiva do conto “Feliz Aniversário”, de Clarice Lispector (1998), sob a luz da teoria autoetnográfica.

Entendemos que propor uma relação entre autoetnografia, Estética da Recepção e leitura subjetiva é uma proposta audaciosa de nossa parte. Porém, acreditamos que as discussões aqui estabelecidas podem estimular reflexões sobre o ensino de literatura e leitura em todo país, uma vez que tenciona o trabalho com a análise estrutural da literatura, ainda que implicitamente. Isso possibilita a abertura de fronteiras para uma nova forma de leitura prazerosa, que, ao mesmo tempo, se constrói de forma crítica e reflexiva.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Laile Ribeiro de. **Memorial de Maria Moura**: percurso crítico e representação da memória. 2011. 111 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.
- ECO, Humberto. **Interpretação e superinterpretação**. Tradução de Monica Stahel. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- HALL, Stuart. Codificação e decodificação. In: **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- LISPECTOR, Clarice. Feliz aniversário. In: **Laços de família**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998, p. 54-67.
- MAGALHÃES, Célia Elisa Alves de. Autoetnografia em contexto pedagógico: entrevista e reunião como lócus de investigação. **Revista Veredas Temáticas**, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 16 -33, 2018.
- ROUXEL, Annie. Práticas de leitura: quais rumos para favorecer a expressão do sujeito leitor? Tradução de Neide Luzia de Rezende e Gabriela Rodella de Oliveira. **Caderno de Pesquisa**, São Paulo, v. 42, n. 145, p. 272-283, jan./abr. 2012.



ROUXEL, Annie. Ousar ler a partir de si: desafio epistemológico, ético e didático da leitura subjetiva. Tradução de Rosiane Xypas. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Porto Alegre, v. 20, n. 35, p. 10-25, 2018.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural: revista de ciências sociais**, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 214-241, 2017.

SUTTER, Miriam. Pelas veredas da memória: revisitando ludicamente velhas palavras. In: YUNES, Eliana. **Pensar a leitura: complexidade**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2002.